



Sophie Calle. *Purloined*: Lucian Freud, Francis Bacon's Portrait, 1998-2013.
© Sophie Calle / ADAGP, Paris 2023. Courtesy Perrotin

Corradini, L. (20 de outubro de 2007). *Sophie Calle, en el espejo*. *La Nación*. <https://www.lanacion.com.ar/cultura/sophie-calle-en-el-espejo-nid953658/>

Cost, B. (14 de dezembro de 2021). *I make \$50K a week selling my farts in a jar*. *New York Post*. <https://nypost.com/2021/12/14/reality-tv-star-strikes-gold-with-50000-a-week-fart-scheme>.

Duchamp, M. (1917). *Fonte* [objeto]. Localização desconhecida.

Emin, T. (1998). *My bed* [instalação artística]. Tate Gallery.

Freeman, H. (3 de janeiro de 2020). *Why is Gwyneth Paltrow selling a candle that smells like her vagina?* *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/fashion/2020/jan/13/why-is-gwyneth-paltrow-selling-a-candle-that-smells-like-her-vagina-goop>.

Manzoni, P. (1961). *Merda d'artista* [instalação artística]. Museo del Novecento.

Mattes, E. e Mattes, F. (2011). *The others* [vídeo]. HEK Basel.

Ottavi, M. (2014). *A Berlin, un artiste diffuse ses conversations Grindr sur écrans géants*. *Libération*. https://www.liberation.fr/arts/2014/10/08/a-berlin-un-artiste-diffuse-ses-conversations-privees-grindr-sur-ecrans-geants_1117383/

Glamour (2021). *Miss Bumbum vende água do próprio banho por R\$ 40 mil a um brasileiro*. *Glamour*. <https://glamour.globo.com/lifestyle/trending/noticia/2021/05/miss-bumbum-vende-agua-do-proprio-banho-por-r-63-mil.ghtml>

Sibilia, P. (2016). *O show do eu: A intimidade como espetáculo*. Contraponto.

Sibilia, P. (2022a). *Da hipocrisia aos cinismos: Deslocamentos do "solo moral"*. Compós 2022, 31º Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Imperatriz/UFMA. https://proceedings.science/proceedings/100281/_authors/286275

Sibilia, P. (2022b). *Genealogías de lo obsceno: Sexo y dinero, del burdel a Onlyfans*. Em L. Caminada e F. Gonçalves (org.), *Políticas y narrativas del cuerpo*. Eudene. <https://eudene.unne.edu.ar/index.php/catalogo/pdfs/73-politicas-y-narrativas-del-cuerpo>

Verhoeven, D. (21 a 30 de maio de 2015) *Wanna play? Love in times of Grindr (Quer brincar? O amor em tempos de Grindr)* [performance]. Spring Festival 2015 (Utreque). <https://vimeo.com/133017595>

Vicente, P. (2014). *Asuntos domésticos*. Em P. Vicente e A. Laudo (org.), *Asuntos domésticos*. Diputación de Huesca.

Weir, P. (diretor). (1998). *O show de Truman: O show da vida* [filme]. Paramount Pictures e Scott Rudin Productions.

Calibán -
RLP, 21(1),
205-209
2023

Raúl Antelo*

Ars: C'est la vie

Já que os círculos por que podemos fazer atravessar as coisas e os seres, no transcurso da nossa existência, não são muito numerosos, talvez eu possa considerar a minha como de certo modo cumprida quando, tendo feito sair de seu quadro longínquo o rosto florido que havia escolhido entre todos, o tiver trazido para este novo plano onde por fim o conhecerei através dos lábios. Dizia-me isto porque achava que havia um conhecimento pelos lábios; dizia-me que ia conhecer o gosto dessa rosa carnal porque não havia imaginado que o homem, criatura evidentemente menos rudimentar que o ouriço-do-mar ou mesmo a baleia, é, no entanto, desprovido ainda de um certo número de órgãos essenciais e, principalmente, não possui nenhum que sirva para o beijo. Supre esse órgão ausente por meio dos lábios, pelos quais chega talvez a um resultado um pouco mais satisfatório do que se estivesse reduzido a acariciar a bem-amada com uma defesa de cornos. Porém os lábios, feitos para trazer ao paladar o sabor das coisas que os tentam, devem contentar-se, sem compreender seu erro e sem confessar sua decepção, em vagar na superfície e se chocar diante da cerca da face impenetrável e desejada. Aliás, nesse momento, ao próprio contato da carne, os lábios, mesmo na hipótese de que se tornassem mais hábeis e mais bem-dotados, sem dúvida não poderiam degustar com maior intensidade o sabor que a natureza atualmente os impede de alcançar, pois, nessa zona desolada em que não conseguem encontrar seu alimento, acham-se eles sozinhos, já que o olhar e, depois, o olfato os abandonaram há muito.

Marcel Proust, *O caminho de Guermantes*.

Jean-Luc Nancy (2009) dizia que “le sexe est sens”. De fato, Platão já nos mostrara, no *Banquete*, que Eros, sendo *philo-sophia*, amor ao conhecimento, nos coloca o desafio de extrair a verdade até mesmo do mais baixo e o mais ínfimo, já que qualquer um possui as formas eternas. “A mulher é o semblante do conhecimento. Amá-la é produzir-se” (Rio, 1916, p. 165). Não há, a rigor, nenhuma diferença entre amor à verdade e amor à linguagem, *philo-sophia* e *philo-logia*.

Só que a reminiscência platônica, como apontou Jacques Lacan (1954-1955/1985), não é bem a rememoração analítica. Se a experiência atual pressupõe sempre a reminiscência, dado que essa reminiscência provém da experiência de vidas progressas, é preciso que essas experiências todas tenham sido também conduzidas por uma reminiscência. Não há

motivo, portanto, para que ela atinja um objetivo previamente traçado, e isto demonstra que estamos lidando com uma outra forma de temporalidade, não-cronológica. Sua emergência no sujeito significa, mesmo assim, a passagem da ignorância ao conhecimento e nada, enfim, pode ser conhecido porque tudo já é conhecido.

Ora, o saber da leitura e da interpretação, a *filologia*, é uma inclinação da linguagem em direção à própria linguagem, ou seja, atração pela linguagem como inclinação, declínio ou torsão. Figura. A filologia ama, nos diz Werner Hamacher, porque não é ela mesma quem é amada. É sempre outra. A disciplina da leitura ama seu não-querer e seu não-ser-querida. É um saber de misologia. A esse respeito, há, na *Divina comédia*, um episódio do Purgatório, situado por volta de 1296, que nos oferece uma chave para entender em que consiste o amor à letra, a leitura.

* Professor titular de literatura brasileira na Universidade Federal de Santa Catarina.

Dante, consciente de pertencer a uma nova ordem estética, explica a Bonagiunta, filho de Ricomo de Bonagiunta Orbiccioni degli Overardi da Luca, um bom poeta, embora não um grande artista, que seu conhecimento deriva do Amor: “I’ mi son un che, quando / Amor mi spira, noto, e a quel modo / ch’è ditta dentro vo significando.” (c. 24, v. 52-54). Nessa lacônica arte poética, alguns leitores heideggerianos, como Efraín Bó e o poeta Godo Iommi, este último, estreito colaborador de Michel Deguy e Barbara Cassin, observaram que o poeta é definido, ao mesmo tempo, por um viés material e outro, metafísico. Materialmente, porque o poeta é apenas um amanuense, um secretário, um copista. Metafisicamente, porque quem dita palavras ao poeta é Eros, não só o amor da tradição lírica, mas também o amor transcendente que movimenta o universo. A inspiração e a ética reconciliam-se, assim, na retórica. A esse respeito, Vicente Ferreira da Silva (s.d.). notou que o Eros cosmogônico de Platão seria suscitado pelo *Dasein*, como ação trópica, efeito de tropismo, figural portanto, mera suscitação de cenas patéticas não-substanciais. Eros não provoca nem produz coisas, mas cenas, uma vez que as formas perseguidas por ele são diagramas no registro da representação.

Giorgio Agamben (1975), em texto esparsos, “L’erotica dei trovatori”, já apontou que a herança da cultura occitânica à ocidental não foi tanto a de uma concepção do amor, quanto do nexos entre Eros e a linguagem poética, o *entrebescamen* [a mescla] de desejo e poesia. O *trobar* é *clos* porque é no pequeno círculo que se celebra a união do desejo insaciável e seu objeto fantasmático. Na teoria tradicional do amor medieval, o caráter fantasmático do amor encontrava, enfim, sua resolução, em uma efetiva prática poética. É no texto poético, no entanto, que se refugia o *amor de lonh*, expressão do poeta do século XII Jaufré Rudel, significando o amor longo, porque é na clausura que Eros busca

apropriar-se, poeticamente, daquilo que, de outra maneira, não se poderia obter nem gozar. Mas já nos anos quarenta do século XX, Efraín Bó (1958) argumentava que o *dolce stil novo*, apoiado na tradição agostiniano-platônica, fundamentara seu poder como criador não amoroso, no movimento do amante ao modelo amado. Não buscava uma mulher concreta – Beatrice, Laura, Dulcinea – mas um modelo transcendente imponderável. Esse modelo vazio, concreto-abstrato, significante flutuante, a rigor, permite concluir que se levarmos em conta a linguagem, compreendemos a existência de uma simbiose de forma e conteúdo, onde é impossível determinar qual elemento é o gerador e qual, o gerado, o que relativiza, portanto, noções tais como causa e efeito, ativo e passivo, ou antecedente e consequente. Em suma, ler é manter um amor ao *non sequitur*, à falácia, ao *dis-pars*, ao disparate.

Não em vão, dirá Karl Krauss que o erotismo do homem é a sexualidade da mulher. Seu contemporâneo, um muito jovem Walter Benjamin (1922-1923/1996), considerava o erotismo estimulado pela distância, muito embora reconhecesse, também, em um esquema da questão psicofísica, uma relação paralela entre proximidade e sexualidade. Benjamin chega a afirmar que existe um vínculo forte entre a cercania e a estupidez, na medida em que uma escopia de aproximação é sempre fonte de beleza permanente.

1920. Jean-Bertrand Pontalis (1971) assinalou, oportunamente, que, no surrealismo, a perversão passava por uma inversão deliberada, no campo dos signos. Enquanto a perversão sexual fica submetida e subordinada ao corpo, parcializado e decomposto, desarticulado em signos, a perversão surrealista tende, pelo contrário, a sexualizar a linguagem, tornando-a substituto do corpo. As palavras criam, assim, o erotismo e essa compreensão ativa, nos surrealistas, um humor trágico (Lacan, 1986/1988), numa linha

que muito deve à descoberta de Sade por parte de Apollinaire, Maurice Heine, André Breton, Jean Paulhan e Pierre Klossowski, linha essa que parte de *De l’erotisme. Considéré dans ses manifestations écrites et du point de vue de l’esprit moderne*, de Robert Desnos (1953[1923]/2013), e inclui as pesquisas sobre a sexualidade no número onze de *La révolution surréaliste* (Breton, Naville e Peret, 15 de março de 1928), o travestimento de Marcel Duchamp como Rose Sélavy, ou seja, “Eros c’est la vie”, premissa que resgatava a noção de *Eros matrix* (subtítulo dos *Moldes másculos* do *Grande Vidro*, frisando o caráter andrógino de Eros), o que permitia, enfim, a leitura de que “l’acte des sexes est l’axe des sectes” (Desnos, 1922, p. 21), passando pela jocosa irreverência de *Prière de toucher* (Duchamp, 1947), ou seja, frisando sempre a equivalência, já explorada aliás por Alfred Jarry, entre *rose/eros/héros*; até chegarmos a *O erotismo* (1957/2004), de Georges Bataille. Além de excesso, nesses casos todos, aos que poderíamos acrescentar, Masson, Mandiargues, Carrington, Fini ou Varo, estas últimas como representantes de um erotismo frio, deparamo-nos com uma evidente suspensão da consciência.

Recapitemos. Em 1928, Bataille (1928/2018) publica seu primeiro romance, *História do olho*, sob o pseudônimo de Lord Auch (“senhor vá à merda”), com oito litografias de André Masson. Há uma segunda versão do relato, de 1944, ilustrada por seis águas-fortes de Hans Bellmer. Naquele mesmo ano, André Breton publicara um romance de “amor louco”, *Nadja* (1928/2019). Fortes discrepâncias entre ambas as concepções do erotismo. Breton narra uma história de amor onde as fotografias e os desenhos, isto é, as imagens, suprem o que as palavras não dizem.

O erotismo é um efeito dessa relação excludente, singular, eletiva e monogâmica, onde não há espaço para um terceiro. Já Bataille, no entanto, nesse seu relato de “eros

negro”, considera a corrupção (*debauchery*) como justificativa do erotismo, uma vez que o amor ativa o excesso para o *hieros gamos*, a sagração do amor entre divindades, tendendo à fertilidade. Compreendeu-o logo, muito bem, Flávio de Carvalho, o antigo representante, no Brasil, do grupo *Minotaure*, para quem o erotismo, para ser autêntico erotismo, necessita de espectadores, porque o erotismo é um espetáculo. O espetáculo erótico é de natureza histórica, diz Flávio (8 de outubro de 1967), numas notas sobre o erotismo e a Bienal de São Paulo, e os espectadores nele funcionam da mesma maneira que os espectadores da histeria: ela se apaga quando os espectadores são removidos.

Da mesma forma, o baixo materialismo de Bataille soube, muito cedo, já no fim dos anos vinte, que não é possível ter acesso à totalidade, em um único e supremo instante. A linguagem fragmenta essa hipotética vista global em aspectos separados. Assim, a linguagem reúne a totalidade do que nos importa, ao mesmo tempo em que a dispersa e dissemina, desconjuntando-a. Essa moral, vinda de Sade, ora repensada por Bataille, desemboca na apologia do dispêndio e do jogo, embora o ser esteja sempre situado para além dos limites individuais, numa espécie de infinito, em que inexistem as individualidades. A intersubjetividade nunca é uma relação. O riso e as lágrimas deixam transparecer que ultrapassar seus limites para transgredir as proibições do erotismo, da morte ou do sacrifício, só permite abrir os seres descontínuos ao sentimento da continuidade do ser. É preciso, portanto, o interdito para dar valor àquilo que arranha o interdito ou, em outras palavras, o interdito, que jamais abdica de seu fascínio, é a própria condição para a existência do sentido.

Retenhamos algumas datas. *O erotismo*, de Bataille, 1957. O seminário 7 sobre a Ética da psicanálise, de Jacques Lacan, 1959-1960. *As lágrimas de Eros*, de Georges Bataille, 1961. Nele, Bataille associava, escandalosa-

mente, dor e gozo. Mas também Lacan, em seu seminário, nos falava de um objeto fora-do-significado, sem-sentido. É em função desse fora-da-significação e de uma relação patética a ele, que o sujeito, como explica Lacan, constitui-se num mundo cuja relação é anterior a todo recalque, de tal modo que esse objeto do erotismo, entendido como *das Ding*, a Coisa, está situado no centro do mundo do inconsciente, organizando, em torno a si, relações significantes, porém, encontrando-se também fora dele, isto é, ele está no centro, mas no sentido de permanecer excluído. Ele é alguma coisa que, no plano do inconsciente, só uma representação representa e que se define aliás como pura negatividade.

De fato, o impacto de O erotismo e, previamente, das ideias de Maurice Blanchot, em Lautréamont e Sade (1949), foi imenso. Em 1962, quando ainda se respirava o impacto de O erotismo de Bataille (1957), Michel Foucault (1962/1994b) resenha um livro de Riveroni Saint-Cyr, Pauliska ou la perversité moderne (1798-1799), que lhe permite concluir que, relegadas às regiões de um érotisme léger, essas iniciações, tão importantes no discurso erótico do século XVIII, pertencem, para nós, a “l'ordre du jeu de l'amour, de l'amour sous toutes ses formes” (Foucault, 1962/1994b, p. 228). Ora, as formas autenticamente transgressivas do erotismo encontravam-se, a essa altura, para Foucault, no campo da contranatura, aonde Teseu se dirige quando alcança o centro do labirinto, esse canto soturno, “vorace architecte”, onde reside o Saber. Quatro anos depois, à época de As palavras e as coisas (1966/2000), Foucault (1966/2009) também redige O corpo utópico, onde explica que os antigos gregos não dispunham de um nome para designar o corpo unificado. Sarx não é soma. No episódio de Troia, por exemplo, só temos, entre os bravos defensores da cidade, liderados por Heitor, braços em alto, peitos corajosos, pernas muito ágeis, brilhantes ca-

pacetes sobre as cabeças, mas nunca corpos. A palavra grega para nomear o corpo aparece, em Homero, só para designar o cadáver.

É o cadáver, e mais adiante, o espelho, que nos ensinam que temos um corpo, que esse corpo possui uma forma, e que essa forma tem um contorno, litoral com uma espessura e um peso específicos, em poucas palavras, que esse corpo ocupa um espaço. O espelho, o mesmo apontado por Foucault (1966/2000) na análise de *As meninas* (Velázquez, 1656) ou de Ticiano, mas também o espelho de Manet, da atendente do Folies Bergère, que o filósofo esmiúça num curso tunisino em 1971, o espelho e o cadáver atribuem, em suma, um espaço à experiência utópica do corpo e é graças a eles, em última análise, que o nosso corpo não é uma pura e simples utopia.

Ora, se sonhamos que tanto o cadáver quanto o espelho encontram-se em um inacessível além, compreende-se melhor que só as utopias podem conter e, por um instante, esconder, a profunda utopia da soberania de nosso corpo. O erotismo então, acrescenta Foucault (1966/2009), é existir para além de toda utopia, com toda densidade, entre as mãos de outrem. O amor silencia a utopia do corpo, acalma-a, mas a tranca num cofre, onde a confina. Embora aparentado à ilusão especular e à ameaça da morte, apreciamos tanto fazer o amor porque, só nesse instante, o corpo torna-se presente para nós. Aliás, Alfred Jarry dizia que o amor é um ato sem importância, daí que a gente queira fazê-lo indefinidamente.

De certo modo, Foucault (1975/1994a) adota uma orientação inversa à dos surrealistas e, numa entrevista intitulada “Sade, sargento do sexo”, faz uma observação muito precisa em relação à maré montante do neoliberalismo, mesmo em período pré-Giscard, pré-Thatcher, argumentando que é preciso sair do erotismo de Sade. A partir de uma série de filmes que encenaram o erotismo sob o nazismo, filmes que incluíam também o *Salò* de Pasolini (1975), incomodava, profundamente, a Foucault, esse erotismo ver-

tical e concentracionário. O fascismo não é uma criação dos grandes loucos eróticos do século XX, dizia, mas dos pequeno-burgueses mais sórdidos e asquerosos, daí que julgasse preciso inventar, com o corpo, suas superfícies e seus volumes, um erotismo não disciplinar, o do corpo em estado volátil e difuso, com seus encontros aleatórios e seus prazeres sem cálculo. Por isso mesmo, talvez, Louise Bourgeois (1990) dizia que o artista é um sádico que teme seu próprio sadismo, com pena de lhe impor a morte.

Referências

- Agamben, G. (1975). L'erotica dei trovatori. *Settanta*, 6(1), 85-88.
- Bataille, G. (2004). *O erotismo*. Arx. (Trabalho original publicado em 1957).
- Bataille, G. (2012). *As lágrimas de Eros* (A. Fernandes, trad.). Sistema Solar. (Trabalho original publicado em 1961).
- Bataille, G. (2018). *História do olho* (E. Robert Moraes, trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1928).
- Benjamin, W. (1996). Outline of the psychophysical problem. Em M. Bullock e M. W. Jennings (ed.), *Selected writings* (vol. 1, 1913-1926, pp. 393-401). Harvard University Press. (Trabalho original publicado em 1922-1923).
- Blanchot, M. (1949). *Lautréamont et Sade*. Minuit.
- Bó, E. T. (1958). O humanismo de São Bernardo interpretado por Albert Béguin. *Diálogo*, 10, 83-86.
- Bourgeois, L. (1990). Freud toys. *Artforum*, 28(5), 111-113.
- Breton, A. (2019). *Nadja* (E. Sampaio, trad.). Antígona. (Trabalho original publicado em 1928).
- Breton, A., Naville, P. e Peret, B. (ed.) (15 de março de 1928). La Révolution surréaliste, 4(11).
- Carvalho, F. de (8 de outubro de 1967). Notas sobre o erotismo nas artes plásticas e a Bienal de São Paulo. *Correio da Manhã*.
- Desnos, R. (ou). Rose Sélavy. *Littérature Nouvelle série* 7, 21.
- Desnos, R. (2013). *De l'érotisme. Considéré dans ses ma-*

- nifestations écrites et du point de vue de l'esprit moderne: Précédé de Voici venir l'amour du fin fond des ténèbres par A. Le Brun*. Gallimard. (Trabalho original publicado em 1953[1923]).
- Duchamp, M. (1947). *Prière de toucher* [objeto]. Centre Pompidou.
- Foucault, M. (1994a). Sade, sergent du sexe. Em M. Foucault, *Dits et écrits 1954-1988* (vol. 2, pp. 821-822). Gallimard. (Trabalho original publicado em 1975).
- Foucault, M. (1994b). Un si cruel savoir. Em M. Foucault, *Dits et écrits 1954-1988* (vol. 1, p. 228). Gallimard. (Trabalho original publicado em 1962).
- Foucault, M. (2000). As palavras e as coisas: *Uma arqueologia das ciências humanas* (S. Tannus Muchail, trad.). Martins. (Trabalho original publicado em 1966).
- Foucault, M. (2009). *Le corps utopique: suivi de Les hétérotopies*. Lignes. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1985). *Jacques Lacan, o seminário. Livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (M. C. Lassulk Penot, trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1954-1955).
- Lacan, J. (1988). *Jacques Lacan, o seminário. Livro 7: A ética da psicanálise*. Em J.-A. Miller (ed.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1986).
- Nancy, J.-L. (2009). L'un des sexes. Em M. Le Mens e J.-L. Nancy. *L'hermaphrodite de Nadar* (pp. 62-63). Créafis.
- Pasolini, P. P. (diretor) (1975). *Salò, ou os 120 dias de Sodoma*. [produção cinematográfica]. Produzioni Europee Associate; Les Productions Artistes Associés.
- Pontalis, J.-B. (1971). Prefácio. Em X. Gauthier, *Surréalisme et sexualité*. Gallimard.
- Rio, João do [pseud. Paulo Barreto] (1916). *Crônicas e frases de Godofredo de Alencar*. Villas-Boas.
- Silva, V. F. da (s.d.). Diário Filosófico (1958). *Cavalo azul*, 3, 35-46.
- Velázquez, D. (1656). *As meninas* [óleo sobre tela]. Museu do Prado.